

Morador quer mais atenção

Conversando com as famílias que deixaram invasões no DF em busca de uma vida mais digna em Barrolândia, foi fácil para a reportagem do **CORREIO BRAZILIENSE** constatar que a maioria está satisfeita com sua atual condição, embora reclame, e com razão, por melhorias elementares. Durante o dia, com a movimentação de caminhões e a própria ação do vento, Barrolândia se assemelha a Brasília na época de sua construção, em 1958. A poeira é tanta que é impossível manter a roupa limpa por mais de dez minutos. A pele ressecada e os olhos inflamados, além de problemas respiratórios, fazem o perfil, principalmente das crianças naquela localidade.

Por isso, toda a população reivindica o asfaltamento das ruas, instalação de rede de esgotos, água encanada, posto médico e, principalmente, policiamento. José Pereira da Silva, que chegou à Barrolândia vindo da invasão do Paranoá em 1987 com mulher e quatro filhos, conta que a ação de marginais que preferem aquela cidade para se esconder da polícia, transforma o dia-a-dia da população "em uma constante tensão". Ele explica que não é verdade quando comentam que só mudaram para Barrolândia ladrões e traficantes de drogas. "Aqui somos todos pais de família trabalhadores à mercê de bandidos, uma vez que não temos nenhum tipo de policiamento", reclama.

Reclamações — Maria Moreira Lima é outra moradora de Barrolândia, que trabalha como monitora de crianças na tapeçaria da Fundação Maria do Barro, e não tem muito o que reclamar. "Tirando a poeira e a insegurança estou muito satisfeita aqui, agradecendo a Deus e à dona Maria do Barro por terem me dado um local para viver com minha família", diz. Maria Mo-



Desde cedo as crianças aprendem a lidar com teares de tapeçaria

reira chegou do Ceará há quatro anos instalando-se precariamente no Paranoá. Com a transferência para Barrolândia ganhou também seu lote.

A dona-de-casa Berenice Leal Serra, que há 20 anos morava no DF até ser transferida para Barrolândia, reclama por uma maior atenção das autoridades. "Dona Maria do Barro, já com idade avançada, se esforça muito por nossa comunidade, penso que o governo deveria cooperar mais com seu trabalho trazendo

mais benefícios para a cidade", explica.

Um dos coordenadores do projeto Barrolândia, da Fundação Maria do Barro, Adalardo Martins, ajuda a administrar a única escola do lugarejo com capacidade para 400 crianças e ainda uma creche, onde 90 crianças são assistidas. Ele adianta que está em construção outra escola que substituirá a primeira, com ensino do pré-escolar até a quarta série do primeiro grau.